

# *Lauraceae* das restingas do estado do Rio de Janeiro, Brasil<sup>1</sup>

Marcela Stuker Kropf<sup>2</sup>, Alexandre Quinet<sup>3</sup> & Regina Helena Potsch Andreato<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Parte da Dissertação da primeira autora no Programa de Mestrado em Biologia - Botânica da Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Avenida Silvio Americo Sadelli 1842, Vila A, Foz do Iguaçu, Paraná, CEP 85866-000. marcela.kropf@unila.edu.br

<sup>3</sup> Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rua Pacheco Leão 915, Jardim Botânico, Rio de Janeiro, CEP 22460-030. aquinet@jbrj.gov.br

<sup>4</sup> Universidade Santa Úrsula, Rua Fernando Ferrari, Botafogo, Rio de Janeiro, CEP 22.231-040.

Recebido em 14.VIII.2013. Aceito em 20.X.2015.

RESUMO – Apresenta-se o estudo taxonômico das espécies de *Lauraceae* para as restingas do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho consta de chave de identificação, descrições, dados de fenologia, distribuição geográfica, comentários e ilustrações. São reconhecidas 25 espécies subordinadas a nove gêneros: *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cassytha* L., *Endlicheria* Nees, *Licaria* Aubl., *Nectandra* Rol. ex Rottb., *Ocotea* Aubl., *Persea* Mill. e *Rhodostemonodaphne* Rohwer ex Kubitzki. O número de espécies da família no ecossistema estudado foi elevado, com dez novas ocorrências, enquadrando-a entre as vinte mais importantes apontadas para as restingas. *Ocotea*, o gênero com maior riqueza, está entre os doze mais importantes das restingas do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: conservação, florística, taxonomia

ABSTRACT - *Lauraceae* from the restingas of the state of Rio de Janeiro, Brazil. This study presents the taxonomic study of the *Lauraceae* species in the restingas of Rio de Janeiro State. Our work provides an identification key, description, data on phenology, geographic distribution, commentary and illustrations. Twenty-five species subcategorized in nine genera were recognized: *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cassytha* L., *Endlicheria* Nees, *Licaria* Aubl., *Nectandra* Rol. ex Rottb., *Ocotea* Aubl., *Persea* Mill. and *Rhodostemonodaphne* Rohwer ex Kubitzki. The number of species was high with ten new occurrences, showing that *Lauraceae* is among the top 20 most important Families for the restinga. *Ocotea*, the genus of highest specific richness, is among the twelve most important genera in the restingas of the state of Rio de Janeiro.

Key words: conservation, floristics, taxonomy

## INTRODUÇÃO

As restingas são compostas por ecossistemas complexos formados por depósitos de sedimentos arenosos do Quaternário, que ocorrem em 79% da costa ao longo do litoral brasileiro. Estão bem representadas no Estado do Rio de Janeiro, ocupando uma área de aproximadamente 1.200 Km<sup>2</sup> situada numa zona de transição entre duas regiões costeiras, sendo muito diversificadas em termos geomorfológicos e climáticos (Araujo & Henriques 1984).

Até a década de sessenta destacam-se vários trabalhos sobre as restingas dentre os quais os de Ule (1901), Dansereu (1947), Reitz (1954), Hueck

(1955) e Ormond (1960). Nas últimas duas décadas o volume de informações sobre esse ecossistema se intensificou ampliando o seu conhecimento. Entre estudos recentes focados em famílias botânicas podem ser citados os de Cactáceas da APA de Massambaba (Freitas 1990/1992), Palmeiras das Restingas do Rio de Janeiro (Reis 2006), *Annonaceae* das Restingas do Rio de Janeiro (Lobão *et al.* 2005), *Asclepiadaceae* das Restingas do Rio de Janeiro (Konno *et al.* 2001), *Myrtaceae* da Marambaia (Souza *et al.* 2007, Souza 2008) e *Sapotaceae* de Rio das Ostras (Palazzo 2012), Theaceae do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (Accardo-Filho & Senna-Valle 2010). Kropf *et al.* (2006) apresentam a lista anotada das

## Lauraceae das Restingas Fluminenses.

Atualmente, pode-se observar que o maior conhecimento da importância econômica e ecológica das restingas tem colaborado para sua conservação levando à criação de unidades de conservação e o aumento de pesquisas para documentar suas características. Das 1400 espécies vegetais registradas até o momento para as restingas fluminenses, um número significativo possui distribuição restrita ocorrendo somente no sul/sudeste brasileiro. Para preservar a imensa biodiversidade que existe nas restingas brasileiras faz-se necessário um esforço direcionado aos levantamentos florísticos destes habitats (Araújo 2000).

A família *Lauraceae* apresenta uma distribuição pantropical, principalmente na América, Ásia tropical, Austrália e Madagascar, com poucas espécies no sul da África e, aproximadamente, 2500 táxons subordinados a 50 gêneros (Rohwer 1993b). No Brasil, ocorrem 23 gêneros e 437 espécies (Quinet *et al.* 2012). A importância do estudo desta família está relacionada, principalmente, a dois aspectos. Primeiro pela representatividade, tanto em número de indivíduos quanto em riqueza de táxons, apontada em inventários florísticos e fitossociológicos (Rodrigues 1996, Guedes-Bruni *et al.* 1997, Guedes-Bruni 1998, Kurtz 2000, Assumpção & Nascimento 2000), realizados em áreas florestais bem preservadas da porção Sudeste-Sul do país, fato este que corrobora com a hipótese de que a Floresta Atlântica seja um dos principais centros de diversidade deste grupo. Segundo pela sua importância econômica, visto que algumas espécies têm sido utilizadas na fabricação de diversos produtos relacionados à culinária, marcenaria, construção civil e no fabrico de papel, além de muitas outras terem seu uso restrito às comunidades tradicionais (Marques 2001).

No Brasil são relevantes especialmente as espécies de *Ocotea* e de *Nectandra*, conhecidas popularmente como canelas, loureiros ou embuias, que remontam ao começo da colonização, quando foram exploradas para o emprego na construção naval e movelaria de luxo (Cante 1988). Apesar de sua importância e dos estudos já realizados as *Lauraceae* ainda carecem, pela sua complexidade, de informações taxonômicas e de novas abordagens para o país. O objetivo deste trabalho foi disponibilizar uma chave de identificação com base em caracteres vegetativos, fornecer ilustrações, descrições das espécies e comentários sobre cada uma delas, de modo a contribuir para o conhecimento da diversidade taxonômica das *Lauraceae* da flora nas

restingas fluminenses.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para a delimitação da área de estudo seguiu-se a abordagem de Araújo (2000) para as restingas do Estado do Rio de Janeiro.

O inventário das espécies de *Lauraceae* ocorrentes nas restingas fluminenses tem como base consulta a bibliografia específica, *sites* como Restinga.net e da Lista de espécies da Flora do Brasil, das coleções depositadas nos herbários do Estado do Rio de Janeiro: FCAB, GUA, HB, R, RB, RUSU, RBR e RFA, complementado com trabalho de campo em algumas localidades selecionadas.

O material foi herborizado segundo as técnicas usuais em taxonomia, depositado no herbário do Museu Nacional (R) e do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB). Os espécimes foram analisados, identificados, descritos e comentados. Os dados fenológicos foram obtidos das informações contidas nas etiquetas do material herborizado. A distribuição geográfica foi baseada no site da Lista de Espécies da Flora do Brasil, literatura e de etiquetas de espécimes. O material adicional selecionado foi utilizado para complementar as descrições e ilustrações.

As fitofisionomias seguem o sistema de classificação de Veloso *et al.* (1991) com adaptações e a denominação das formações vegetais de restinga Araújo (2000).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as restingas do Estado Rio de Janeiro foram reconhecidas 25 espécies de *Lauraceae* distribuídas em nove gêneros que apresentamos a seguir.

**1. *Aiouea saligna* Meisn. in DC., Prodr. 15(1): 82. 1864.**

(Figs. 1 A1-A6)

Árvore de até 20 m altura, monóica, ramos subcilíndricos a angulosos, glabrescentes, lenticelas ausentes, gemas alvo-pilosas. Folhas alternas, pecíolo achatado, levemente anguloso, glabro, lâminas cartáceas, elípticas a ovadas, 9,5 – 15,0 x 2,8 – 3,7 cm, base atenuada, ápice cuspidado, face adaxial glabra, face abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária pouco proeminente na face adaxial, avermelhada e proeminente na face abaxial, aréolas de reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar,

**Chave para identificação das espécies de Lauraceae das restingas do Estado do Rio de Janeiro**

1. Trepadeira parasita ..... 3. *Cassytha filiformis*
- 1'. Árvores, arvoretas ou arbustos
2. Ramos com lenticelas
3. Lâminas foliares com epiderme abaxial com papilas ..... 2. *Aniba firmula*
- 3'. Lâmina foliares com epiderme abaxial sem papilas
4. Lâminas foliares com domácias
5. Gemas tomentosas
6. Gemas alvas; lâminas foliares com face abaxial glabra ..... 15. *Ocotea elegans*
- 6'. Gemas ferrugíneas; lâminas foliares com face abaxial tomentosa ..... 10. *Ocotea argentea*
- 5'. Gemas seríceas
7. Pecíolo cilíndrico ..... 20. *Ocotea pulchella*
- 7'. Pecíolo achatado ..... 18. *Ocotea notata*
- 4'. Lâminas foliares sem domácias
8. Lâminas foliares com face abaxial glabra
9. Lâminas foliares com reticulado laxo, pecíolo cilíndrico ..... 16. *Ocotea glauca*
- 9'. Lâminas foliares com reticulado denso, pecíolo anguloso
10. Nervuras primárias inconspícuas na face adaxial das lâminas foliares  
..... 11. *Ocotea complicata*
- 10'. Nervuras primárias proeminentes na face adaxial das lâminas foliares  
..... 12. *Ocotea confertiflora*
- 8'. Lâminas foliares com face abaxial pilosa
11. Lâmina foliar com face abaxial subglabra
12. Pecíolo enegrecido, plano, tomentoso ..... 22. *Ocotea squarrosa*
- 12'. Pecíolo esverdeado, canaliculado, pubérulo ..... 15. *Ocotea elegans*
- 11'. Lâmina foliar com face abaxial tomentosa ou vilosa
13. Lâmina foliar com face abaxial ferrugínea – tomentosa  
..... 10. *Ocotea argentea*
- 13'. Lâmina foliar com face abaxial áureo – vilosa ..... 19. *Ocotea polyantha*

## 2'. Ramos sem lenticelas

14. Folhas opostas a subopostas.....7. *Nectandra oppositifolia*

## 14'. Folhas alternas

15. Lâminas foliares com nervura primária avermelhada na face adaxial ..... 1. *Aiouea saligna*

15'. Lâminas foliares com nervura primária não avermelhada na face adaxial

## 16. Lâminas foliares com domácias

17. Domácias em fôveas nas axilas das nervuras..... 6. *Nectandra membranacea*

17'. Domácias em tufo de pêlos nas axilas das nervuras

18. Lâminas foliares coriáceas .....25. *Rhodostemonodaphne macrocalyx*

## 18'. Lâminas foliares cartáceas

19. Ramos angulosos.....9. *Nectandra puberula*

## 19'. Ramos cilíndricos

20. Lâminas foliares com padrão de nervação eucamptódromo.. 14. *Ocotea divaricata*

20'. Lâminas foliares com padrão de nervação broquidódromo

.....8. *Nectandra psammophila*

## 16'. Lâminas foliares sem domácias

## 21. Ramos cilíndricos

## 22. Lâminas foliares com reticulado laxo

23. Padrão de nervação eucamptódromo; nervura primária impressa a inconspícua na face adaxial .....4. *Endlicheria paniculata*23'. Padrão de nervação broquidródromo; nervura primária proeminente na face adaxial ..... 5. *Licaria armeniaca*

## 22'. Lâminas foliares com reticulado denso

24. Ramos com gemas glabrescentes; pecíolo anguloso; lâminas foliares com ápice obtuso..... 17. *Ocotea lobbii*24'. Ramos com gemas seríceas; pecíolo cilíndrico; lâminas foliares com ápice agudo..... 21. *Ocotea lancifolia*

## 21'. Ramos angulosos

25. Lâminas foliares oblongas, base assimétrica.....24. *Persea willdenovii*

25'. Lâminas foliares lanceoladas ou elípticas, base simétrica.

26. Lâminas com padrão de nervação broquidódromo ..... 13. *Ocotea diospyrifolia*

26'. Lâminas com padrão de nervação camptódromo

27. Lâminas foliares com face abaxial alvo-tomentosa

..... 23. *Persea aurata*

27'. Lâminas foliares com face abaxial glabrescente

..... 6. *Nectandra membranacea*

tirsóide. Flores monoclinas, androceu com 6 estames férteis, anteras bilocelares. Fruto elipsóide, sobre cúpula obcônica, lisa, avermelhada.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Ocorre em Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana, montana (Baitello *et al.* 2003), Floresta Estacional Decidual (Longhi *et al.* 2000) e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Parque do Mico Leão Dourado, 06.IV.2004, *M.S. Kropf 45* (RUSU).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Poço das Antas, 26.V.1994, *C. Luchiar 376* (RB); *Ibidem*, 26.XI.2004, *H. C. Lima 4495* (RB).

**Comentários:** *Aiouea saligna* caracteriza-se pelas lâminas foliares com nervuras, principalmente a primária, aparentes na face adaxial. Suas flores são branco-esverdeadas (Baitello *et al.* 2003).

**2. *Aniba firmula*** (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 58. 1889.

(Figs. 1 B1-B2)

Árvore de 6 a 9m de altura, monóica, ramos angulosos, glabros a seríceos, com lenticelas, gemas pubescentes. Folhas alternas, pecíolo anguloso, pubescente a glabrescente, lâminas cartáceas, lanceoladas, 8,5 – 21,0 x 2,0 – 6,0 cm, base cuneada, margem espessa, ápice agudo a acuminado, face adaxial glabrescente, face abaxial serícea, com papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar, paniculada. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras bilocelares. Fruto elipsóide, envolvido parcialmente por cúpula hemiesférica, verrucosa.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados de Pernambuco (Santos & Alves 2013), Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa, submontana e montana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Parque Ecológico do Mico Leão Dourado, 06.VI.2004, *M.S. Kropf et al. 77* (RUSU).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, MINAS GERAIS, Alfenas, Fazenda Ilha, 29.X.1990, *T. Cristina s.n.* (RB 202710).

**Comentários:** *Aniba firmula* é facilmente reconhecida pelos frutos grandes quando comparados aos das outras espécies de Lauraceae das restingas e, principalmente, pelo forte odor de rosas que permanece mesmo após a prensagem. Pode ser encontrada nas restingas de Macaé, Cabo Frio e Marambaia, em formações de Mata seca, Mata periodicamente inundada ou Arbustiva aberta do cordão interno, nas bordas ou no interior da mata. Coletada com flores em março e novembro, frutos em julho e novembro.

**3. *Cassytha filiformis*** L., Sp. Pl. 1: 35-36. 1753.  
(Figs. 1 D1, D2)

Trepadeira parasita, monóica, ramos filiformes, glabrescentes. Inflorescência em espiga, tomentela. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras bilocelares. Fruto globoso, completamente incluso no hipanto expandido, tépalas persistentes.

**Distribuição geográfica e habitat:** pantropical. No Brasil em todos os estados exceto no Acre, Amapá, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Araruama, Praia seca, 04.VII.2004, *M.S. Kropf et al. 71* (RB).

**Comentários:** nas restingas fluminenses *Cassytha filiformis* pode ser confundida com *Cuscuta* (Convolvulaceae) pelo hábito, aspecto (coloração alaranjada) e pelo nome popular (cipó-chumbo). Encontrada no PARNA da restinga de Jurubatiba, na APA de Massambaba, Rio das Ostras, Grumari e na REBIO da Praia do Sul, em diversas formações. Coletada com flores em janeiro e de abril a julho, frutos de maio a agosto e dezembro.

**4. *Endlicheria paniculata*** (Spreng.) J.F.Macbr., Publ. Field. Mus. Nat. Hist., Bot. Ser. 13 (2/3): 850. 1938.

(Figs. 1 C1, C2)

Árvore com cerca de 6 m de altura, dióica, ramos cilíndricos, levemente estriados, áureo-tomentosos, lenticelas ausentes, gemas áureo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, pubescente, lâminas cartáceas, lanceoladas a elípticas, 2,5 – 5,2 x 5,7 – 11,5 cm, base cuneada, ápice agudo a acuminado, face abaxial pubescente a velutina, sem papilas; padrão de nervação eucamptódromo, nervura primária impressa a inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado laxo, domácias ausentes. Inflorescência axilar, tirsóide. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras bilocelares. Fruto elipsóide, sobre cúpula hemiesférica, lisa, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** América tropical. No Brasil, nos estados do Amazonas, Tocantins, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa submontana e montana, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL. RIO DE JANEIRO, Saquarema, Loteamento Vilamar, 06.XII.1994, *C. Farney et al.* 3473 (RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Friburgo, Macaé de Cima, 08.XII.1989, *B.C. Kurtz* 80 (RB); *Ibidem*, nascente do Rio das Flores, 8.XII.1989, *B.C. Kurtz* 87 (RB).

**Comentários:** *Endlicheria paniculata* exibe uma grande variação morfológica e pode ser confundida quando em estado vegetativo com *Ocotea divaricata* devido às nervuras triplinervadas na base, diferindo desta, por apresentar pilosidade densa percebida ao toque nos ramos, flores e na face abaxial da lâmina foliar. Os frutos são negros com cálice vermelho. É encontrada nas restingas de Cabo Frio e Saquarema em áreas degradadas de Mata seca e na Reserva Biológica da Praia do Sul em Angra dos Reis. Coletada com flores em dezembro e frutos em agosto.

**5. *Licaria armeniaca*** (Nees) Kosterm., Recueil Trav. Bot. Néerl. 34: 584. 1937.

(Figs. 1 E1-E3)

Árvore com cerca de 7 m, monóica, ramos cilíndricos, pubescentes, lenticelas ausentes, gemas pilosas. Folhas alternas, pecíolo canaliculado,

glabro, lâminas cartáceas, elípticas, 7,0 – 15,5 x 2,0 – 5,5 cm, base aguda a cuneada, ápice acuminado, face adaxial glabra, face abaxial glabra, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária proeminente em ambas as faces, não avermelhada na face adaxial, reticulado laxo, domácias ausentes. Inflorescência axilar, glabra. Flores monoclinas, androceu com 3 estames férteis, anteras bilocelares. Fruto elipsóide, cúpula hemiesférica, lisa, margem simples a dupla.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Pará, Amazonas, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina. Extra-Brasil no Panamá, Colômbia, Venezuela, Guiana, Equador, Peru e Paraguai. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa montana e sub-montana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Mangaratiba, Marambaia, s.d., *M.S.Kropf s/n.* (RUSU 15217).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, Corcovado, 02.IX.2005, *D. Duarte* 888 (RB); Nova Iguaçu, 06.X.1993, *S.J. Silva-Neto* 317 & *W. Silva* (RB).

**Comentários:** *Licaria armeniaca* vegetativamente pode ser identificada pelo padrão de nervação característico, bem marcado nas lâminas foliares, sendo as nervuras terciárias paralelas próximas à base. A cúpula do fruto em material vivo é de cor vinácea e as flores amarelo-esverdeadas (*Baitello et al.* 2003). Foi coletada somente na Marambaia em Mata de restinga.

**6. *Nectandra membranacea*** (Sw.) Griseb., Fl. Brit. W. I. 282. 1860.

(Figs. 2 A1)

Árvore com cerca 10m de altura, monóica, ramos angulosos, alvo-pubérulos a glabrescentes, lenticelas ausentes, gemas áureo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, glabrescente, lâminas cartáceas, lanceoladas ou elípticas, 6,0 – 22,0 x 2,0 – 7,0 cm, base aguda, simétrica, ápice acuminado, face adaxial glabrescente, face abaxial glabrescente, sem papilas; padrão de nervação camptódromo, nervura primária impressa a inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias em fôveas nas axilas de nervuras

secundárias ou ausentes. Inflorescência axilar, tirsóide. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, papilosas, locelos dispostos em arcos. Fruto globoso, parcialmente envolvido por cúpula rasa, lisa, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Tocantis, Acre, Rondônia, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, e Santa Catarina. América do Sul e Central (Rohwer 1993a). Ocorre na Floresta Ombrófila Densa, Floresta Estacional Semidecidual, em formações secundárias (Baitello *et al.* 2003) e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Parque Ecológico do Mico Leão Dourado, 06.VI.2004, *M.S. Kropf et al.* 72 (RUSU); Angra dos Reis, Ilha Grande, Reserva Biológica da Praia do Sul, 16.VIII.2003, *R. Schell-Yber et al.* 393 (R).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, estrada da Vista Chinesa, 16.VIII.1967, *P. Carauta* 393 (RB).

**Comentários:** *Nectandra membranacea* apresenta nervuras menos evidentes do que nas outras espécies do gênero. Ocorre em Mata seca em Cabo Frio e na REBIO da Praia do Sul no município de Angra dos Reis.

**7. *Nectandra oppositifolia*** Nees & Mart., *Linnaea* 8: 47.1833.

(Figs. 2 D1, D2)

Árvore 7 a 10m de altura, monóica, ramos angulosos, tomentosos, lenticelas ausentes, gemas ferrugíneo-tomentosas. Folhas opostas a subopostas, pecíolo achatado, viloso, lâminas cartáceas, lanceoladas a elípticas, 6,0 – 15,0 x 2,0 – 6,0 cm, ápice e base agudos, face adaxial tomentosa ao longo da nervura principal e secundária, face abaxial, ferrugíneo-tomentosa, sem papilas; padrão de nervação camptódromo-broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso a laxo, domácias ausentes. Inflorescência axilar, tirsóide. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, papilosas, locelos dispostos em arcos. Fruto elipsóide, sobre cúpula hemiesférica, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Ceará, Bahia, Minas Gerais, Espírito

Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Extra-Brasil no Panamá, Colômbia Equador e Bolívia. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana e montana, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Tamoios, 10.XI.2000, *D. Fernandes s/nº.* (RUSU 14317, RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Silva Jardim, Reserva Biológica de Poço as Antas, 11.V.1995, *S.V.A. Pessoa et al.* 784 (RB).

**Comentários:** *Nectandra oppositifolia* diferencia-se das outras espécies do gênero nas restingas pelo padrão foliar e ramos característicos, pubescentes e fruto com cúpula verrucosa. É encontrada em Macaé, Cabo Frio e na Marambaia em Mata Seca, Mata periodicamente inundada e Arbustiva aberta. Coletada com flores em março e abril e frutos em maio e novembro.

**8. *Nectandra psammophila*** Nees, *Syst. Laur.* 303. 1836.

(Figs. 2 C1-C4)

Arbusto de 3m de altura, monóico, ramos cilíndricos, estriados, lenticelas ausentes, gemas áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, pubérulo a glabro, lâminas cartáceas, lanceoladas a elípticas, 5,0 – 9,5 x 2,5 – 3,5 cm, base cuneada, ápice agudo a acuminado, face adaxial glabra, face abaxial sem papilas, com tricomas esparsos ao longo da nervura primária; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias em tufo de pêlos nas axilas das nervuras secundárias. Inflorescências axilares, racemiformes, seríceas. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, papilosas, locelos dispostos em arcos. Fruto elíptico, sobre cúpula discóide, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Mato grosso do Sul (Alves & Sartori 2009), Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa montana, Pantanal e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Macaé, Fazenda São Lázaro, 01.XII.1994, *D. Araújo*

10192 (GUA).

**Comentários:** *Nectandra psammophila* diferencia-se das demais espécies do gênero nas restingas fluminenses, pela combinação de características dos ramos e das lâminas foliares, devido à presença de domácias e padrão de nervação diferenciado. Pode ser encontrada em Macaé e Cabo Frio (Araújo 2000) em Mata Seca e em Carapebus em mata periodicamente inundada. Trata-se de uma das espécies mais ameaçadas devido à especulação imobiliária nas áreas de ocorrência (Baitello *et al.* 2003, Rohwer 1993a). A cúpula do fruto é avermelhada em material vivo (Baitello *et al.* 2003). Coletada com flores em dezembro, frutos em abril.

**9. *Nectandra puberula*** (Schott) Nees, Syst. Laur. 332. 1836.

(Figs. 2 B1-B3)

Árvore com cerca de 15m de altura, monóica, ramos angulosos, áureo-tomentosos, lenticelas ausentes, gemas ferrugíneo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, tomentoso, lâminas cartáceas, lanceoladas, 6,0 – 11,0 x 1,1 – 3,0 cm, base aguda, ápice agudo a acuminado, face adaxial glabrescentes, face abaxial sem papilas, áureo pubérula ao longo da nervura principal; padrão de nervação eucamptódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado laxo, domácias em tufo de tricomas na axila de nervuras secundárias. Inflorescência axilar, tirsóide. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, papilosas, locelos dispostos em arcos. Fruto globoso, sobre cúpula discóide, lisa, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa submontana e montana, Restinga e raramente no Cerrado.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Campos Novos, 10.VII.1997, C. Farney *et al.* 3577 (RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro, Jacarepaguá, 04.IV.2001, A. Quinet *s.n.* (RB 367357).

**Comentários:** *Nectandra puberula* distingue-se das demais espécies do gênero nas restingas fluminenses pela coloração dos ramos. Referenciada apenas por uma coleta em Campos Novos, na região de Cabo Frio, em Mata seca e não recoletada neste trabalho. Coletada com frutos em julho, flores não observadas.

**10. *Ocotea argentea*** Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berlin 5: 346. 1889.

(Figs. 3 A1-A5)

Árvore de 5 a 23 m de alt., dióica, ramos subcilíndricos a angulosos, ferrugíneo-tomentosos, com lenticelas, gemas ferrugíneo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo plano a subcilíndrico, áureo a ferrugíneo-tomentoso, lâminas cartáceas, obovadas a elíptico-lanceoladas, 3,5 – 10 x 1,7 – 5,5 cm, base aguda, ápice curto acuminado; face adaxial ferrugíneo-tomentosa principalmente ao longo da nervura principal a glabrescente, face abaxial sem papilas, ferrugíneo-tomentosa, principalmente na nervura principal próxima ao pecíolo; padrão de nervação camptódromo-broquidódromo, nervura primária proeminente, reticulado denso, com ou sem domácias em tufo de pêlos na axila de nervuras secundárias. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto desconhecido.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa submontana e Floresta de tabuleiro e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, restinga de Sernambetiba, 14.VI.1958, A.C. Brade 16087 (RB).

**Comentários:** *Ocotea argentea* é indicada pela primeira vez para as restingas. Diferencia-se das demais espécies pela coloração da face abaxial das lâminas, principalmente na nervura principal próxima ao pecíolo. Floresce em janeiro e de março a setembro e frutifica em setembro e novembro.

**11. *Ocotea complicata*** (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 247. 1889.

(Figs. 3 B1, B2)

Árvore com cerca de 8m de altura, monóica, ramos cilíndricos, estriados, com lenticelas, gema apical áureo-pubérula. Folhas alternas, pecíolo enegrecido, anguloso, glabro, lâminas coriáceas, lanceoladas a elípticas, 3,3 – 4,8 x 2,0 – 8,7 cm, base

cuneada, ápice agudo, face adaxial e abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência terminal, botrióide. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso, sobre cúpula hemiesférica, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Saquarema, Jacarepiá, 28.III.1994, *D. Araújo 9982* (GUA);

**Comentários:** *Ocotea complicata* caracteriza-se pelo reticulado da lâmina foliar, ramos lenticelados e fruto com cúpula verrucosa. É encontrada na restinga de Jacarepiá, em Saquarema, e na região de Cabo Frio em mata seca em regeneração. Coletada com flores e frutos em março e outubro.

**12. *Ocotea confertiflora*** (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 374. 1889.

(Figs. 3 C1, C2)

Arbusto de 3 a 5m de altura, dióico, ramos cilíndricos, estriados, pilosos, com lenticelas, gemas alvo a áureo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, seríceo, lâminas cartáceas a coriáceas, lanceoladas a elípticas, 4,5 – 13,5 x 1,2 – 4,0 cm, base aguda, margem plana, ápice acuminado, face adaxial e face abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária proeminente em ambas as faces, não avermelhada na face adaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência submultiflora, pilosa. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto elíptico, sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, Mata de Tabuleiro e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, próximo a Barra de São João, 14.VIII.1978, *D. Araújo et al. 2186* (GUA); Macaé, 19.V.1989, *D. Araújo 8928* (GUA);

**Comentários:** *Ocotea confertiflora* distingue-se pelas características das nervuras e fruto com a cúpula avermelhada. Ocorre em mata seca em Cabo Frio e Macaé, neste último, habitando ainda a mata periodicamente inundada. O isótipo está depositado no herbário do New York Botanical Garden e consta de uma coleta feita na restinga de Macaé por Riedel. Coletada com frutos em maio, suas flores não foram observadas. Os frutos desta espécie são descritos e ilustrados pela primeira vez neste trabalho.

**13. *Ocotea diospyrifolia*** (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:374. 1889.

(Figs. 3 D1, D2)

Árvore com cerca de 4m de altura, dióica, ramos angulosos, glabrescentes, lenticelas ausentes, gemas apicais áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, glabro a esparsamente piloso, lâminas cartáceas, lanceoladas, 5,0 – 8,6 x 1,7 – 2,5 cm, base cuneada, simétrica, margem sub-revoluta, ápice acuminado, face adaxial e abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar, tirsóide. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso a elipsóide, sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Extra-Brasil na Bolívia, Argentina e Paraguai. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana e montana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Campos Novos, 05.VI.2004, *M.S. Kropf et al. 67* (RUSU).

Material adicional selecionado: BRASIL, RIO DE JANEIRO, Nova Friburgo, nascente do Rio das Flores, 20.IV.1989, *H.C. Lima 3557* (RB); SÃO PAULO, Jardim Botânico de São Paulo, 8.III.1946, *M. Kuhlmann 3222* (RB, SP).

**Comentários:** *Ocotea diospyrifolia* caracteriza-se pelo ápice foliar. É encontrada no Parque Ecológico do Mico Leão Dourado e em Campo Novos, na estação Radio Marinha, em Cabo Frio em Mata seca. Os frutos são apreciados por gambás e pequenos mamíferos (Baitello *et al.* 2003) sendo a cúpula avermelhada.

**14. *Ocotea divaricata*** (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:385. 1889.

(Figs. 3 E1, E2)

Árvore com cerca de 7 m de altura, dióica, ramos cilíndricos, levemente estriados, pubérulos a glabros, lenticelas ausentes, gemas áureo pubérulas a tomentosas. Folhas alternas, pecíolo enegrecido, cilíndrico, levemente canaliculado, glabro, lâminas cartáceas, obovadas a elípticas, 4,5 – 11,0 x 4,8 – 6,5 cm, base aguda, ápice acuminado, face adaxial glabra, face abaxial pubérula, sem papilas; padrão de nervação eucamptódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado laxo, domácias em tufo de pêlo na axila das nervuras secundárias. Inflorescência axilar, paniculada, pubérula. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso, sobre cúpula pateliforme, lisa, margem simples, tépalas persistentes.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa sub-montana e montana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Macaé, 24.VII.1992, *D. Araújo 5174* & *N. C. Maciel* (GUA).

**Material adicional examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Nova Friburgo, Macaé de Cima, margem do Rio das Flores, 22.VI.1989, *M. Nadruz 508* (RB); *Ibidem*, Rio Sophronites, 13.IX.1989, *A. Vaz 678* (RB).

**Comentários:** *Ocotea divaricata* caracteriza-se pela lâmina foliar com nervuras triplinervadas na base e pelo cálice persistente no fruto. Pode ser confundida vegetativamente com *Endlicheria paniculata* diferindo desta pela ausência de tricomas na face abaxial da lâmina foliar que, quando presentes, são esparsos. Ocorre em Macaé, Barra de São João,

Saquarema, na Marambaia e em Campos Novos na região de Cabo Frio, em mata seca e mata periodicamente inundada. Coletada com flores em janeiro, agosto e dezembro e frutos em março, agosto e dezembro.

**15. *Ocotea elegans*** Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 253. 1889.

(Figs. 4 F1, F2)

Árvoreta de 4m de altura, monóica, ramos cilíndricos a angulosos, glabrescentes, com lenticelas, gemas alvas, tomentosas. Folhas alternas em ramos vegetativos, verticiladas no ápice dos ramos floríferos, pecíolo canaliculado, pubérulo, lâminas cartáceas a coriáceas, elípticas, 3,5 – 7,5 x 1,5 – 4,0 cm, base aguda a obtusa, ápice agudo a acuminado, face adaxial e abaxial glabra, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária pouco impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes, raro em tufo de pêlos. Inflorescência terminal botrióide, pubescente. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso, sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Extra-Brasil no Paraguai. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa montana, altomontana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Macaé, Cabiúnas, Lagomar, 28.VI.1987, *H.C. Lima & J. C. Gomes 3058* (RB); Cabo Frio, Estrada dos Tucuns-Cem Braças, 09.X.1998, *C. Farney & J.C. Gomes 3854* (RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Silva Jardim, Reserva Biológica de Poço das Antas, 21.X.1993, *H. C. Lima 4818* (RB).

**Comentários:** *Ocotea elegans* possui pecíolo característico. A cúpula do fruto em material vivo é avermelhada. Ocorre nas restingas de Macaé e Cabo Frio em mata seca. Coletada com flores em junho e outubro e frutos em julho.

**16. *Ocotea glauca*** (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 362. 1889.

(Figs. 4 A1, A2)

Arvoreta de 2 a 6m de altura, dióica, ramos cilíndricos, tricomas esparsos, com lenticelas, gema pilosa. Folhas alternas, pecíolo cilíndrico, torcido, glabro, lâminas cartáceas, lanceoladas a elípticas, 3,8 – 4,5 x 1,8 – 10,0 cm, base aguda, ápice acuminado, face adaxial e abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária levemente proeminente em ambas as faces, não avermelhada na face adaxial, reticulado laxo, domácias ausentes. Inflorescência axilar ou terminal tirsóide-paniculada. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso, sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Mangaratiba, Marambaia, 12.VI.2000, *L.F.T. Menezes 589A* (RBR); Rio de Janeiro, Barra da Tijuca, 06.I.1972, *D. Sucre 8197* (RB).

**Comentários:** *Ocotea glauca* é caracterizada pelas características descritas do pecíolo, sendo também curto e enegrecido. Coletada nas restingas da Baixada de Jacarepaguá, Cabo Frio, Saquarema, Macaé e Marambaia ocorrendo em Mata de restinga e Mata periodicamente inundada. Coletada com flores em janeiro e fevereiro e frutos em junho, julho, agosto e dezembro.

**17. *Ocotea lobbii*** (Meisn.) Rohwer, Mitt. Inst. Allg. Bot. Hamburg 20: 113. 1986.

(Figs. 4 B1, B2)

Árvore com cerca de 7.5 m de altura, monóica, ramos cilíndricos, estriados, glabros, lenticelas ausentes, gemas glabrescentes. Folhas alternas, pecíolo anguloso, glabro, opostas no ápice com lâminas cartáceas a coriáceas, obovadas a elípticas, 6,0 – 8,7 x 2,0 – 3,6 cm, base aguda, ápice obtuso, arredondado a agudo, face adaxial glabra, face abaxial glabra, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária levemente proeminente na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar e terminal, racemosa. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos

dispostos em pares superpostos. Fruto quase oblongo, sobre cúpula subcampanulada a subemisférica, lisa, margem simples.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorre na Floresta Estacional semidecidual, Formações campestres e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Carapebus, 17.VI.2003, *B.C.Kurtz & J.C.Gomes 312* (RB).

**Comentários:** *Ocotea lobbii* possui lâminas foliares características e ápice dos ramos floríferos com folhas opostas a sub-opostas. Ocorre no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, em Carapebus, em mata periodicamente inundada. Coletada com flores em junho e os frutos não foram observados.

**18. *Ocotea notata*** (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:339. 1889.  
(Fig. 4 C1)

Arvoreta de 2 a 3m de altura, dióica, ramos cilíndricos, estriados, com lenticelas, gemas áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo achatado, anguloso, glabro, lâminas cartáceas, ovadas, lanceoladas a elípticas, 2,3 – 12,5 x 1,3 – 4,6 cm, base aguda, margem sub-revoluta, ápice acuminado, face adaxial e abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária levemente proeminente a inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado laxo, domácias em tufo de tricomas nas axilas das nervuras secundárias. Inflorescência axilar ou terminal, botrióide. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto elíptico, 0.5 – 0.9cm compr., sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana e montana, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Mangaratiba, Marambaia, 23.II.2005, *M.S. Kropf et al. 80* (RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Nova Friburgo, Macaé de Cima, nascente do Rio das Flores, 26.II.1987, *G. Martinelli 11905* (RB).

**Comentários:** *Ocotea notata* possui grande variação morfológica dependendo da formação em que ocorre: no interior de mata atinge maior porte, as lâminas foliares são mais longas, verdes e com nervuras menos proeminentes; em áreas abertas, menor porte, lâminas foliares menores, mais coriáceas e com as nervuras mais proeminentes. Caracteriza-se pelo pecíolo longo, achatado e amarelado. É a espécie mais frequente nas restingas em diferentes fitofisionomias, com grande representatividade nas coleções dos herbários consultados. Ocorre em Macaé, Cabo Frio, Rio das Ostras na região de Barra de São João, Maricá, Jacarepaguá, Marambaia, Araruama e Carapebus nas formações de mata Seca, em regeneração, mata periodicamente inundada, arbustiva fechada do cordão interno, arbustiva aberta do cordão externo e interno e em campo de dunas. Coletada com flores de janeiro a abril, junho, agosto e setembro e frutos em fevereiro, abril a agosto, outubro e novembro.

**19. *Ocotea polyantha*** (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 345. 1889.

(Figs. 4 D1-D3)

Arbusto de 1 a 7m de altura, dióico, ramos cilíndricos estriados, pubescentes, com lenticelas, gemas ferrugíneo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo cilíndrico, achatado na face adaxial, glabrescente, lâminas coriáceas, elípticas a obovais, 4,5 – 11,0 x 2 – 5,0 cm, base cuneada, ápice agudo, face adaxial glabra, face abaxial áureo- vilosa, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar, botrióide ou tirsóide, pubérula. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto oval, sobre cúpula pateliforme, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, montana e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Carapebus, 16.VII.1993, *J.M.A. Braga & M.G. Bovini 419* (RB); Maricá, Barra de Maricá, 23.V.1985, *D. Araújo & M.C.A. Pereira 7003* (GUA).

**Comentários:** *Ocotea polyantha* apresenta flores avermelhadas, com receptáculo e pedicelo vermelhos e frutos roxos. Ocorre em áreas de restinga de Cabo Frio, Carapebus, Maricá, Saquarema e Rio de Janeiro, em formação Arbustiva aberta do cordão interno. Segundo Rohwer (1993a), um dos síntipos constituiu-se de uma coleta de Prinz Neuwied s.n. procedente de Cabo Frio. Coletada com flores em março, maio, junho, e frutos em julho. Apesar dos esforços de campo na região, não foi recoletada em Cabo Frio.

**20. *Ocotea pulchella*** (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 317. 1889.

(Figs. 4 E1, E2)

Arbusto de 1 a 3m de altura, dióico, ramos cilíndricos, estriados, com tricomas alvos e esparsos, com lenticelas, gemas áureo seríceas. Folhas alternas, pecíolo cilíndrico, 0,3 – 0,5 cm compr., glabrescente, lâminas cartáceas a coriáceas, elípticas a obovais, 2,5 – 7,0 x 1,5 – 3,0 cm, base cuneada a obtusa, margem ondulada, ápice arredondado a acuminado às vezes retuso, face adaxial glabra, face abaxial alvo-pubérula, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária proeminente a inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado laxo, domácias em tufo de tricomas nas axilas das nervuras secundárias com a primária. Inflorescência axilar, botrióide ou tirsóide. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, filetes menores que as anteras, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto elipsóide, envolvido parcialmente por cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Extra-Brasil na Argentina, Paraguai e Uruguai. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial (várzea), montana, alto-montana, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Carapebus, 06.VI.2002, *M.S. Kropf et al.* s/n. (RUSU 14500); Mangaratiba, Marambaia, praia da Armação, 19.I.2001, *L.F.T. Menezes* 760 (RBR).

**Comentários:** Nas restingas *Ocotea pulchella* apresenta pouca pilosidade nas lâminas foliares jovens sendo a pubescência mais acentuada em populações de cerrado (Baitello *et al.* 2003). Pode ser confundida vegetativamente com *O.notata*, mas o seu pecíolo é menor. Tem como áreas de ocorrência, Cabo Frio, na restinga de Itapebussus na região de Barra de São João, Saquarema, Carapebus, Rio das Ostras, Mangaratiba e Maricá, em mata periodicamente inundada, arbustiva aberta em pontos baixos do relevo. Além destas, Araújo (2000) cita a Ilha Grande como área de ocorrência, porém, o material não foi localizado nas coleções examinadas. Coletada com flores em janeiro, fevereiro, março, abril, junho e frutos em janeiro, abril, maio, junho, agosto e outubro.

**21. *Ocotea lancifolia*** (Schott) Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berlin 5: 289. 1889.

(Figs. 4 F1, F2)

Árvore com cerca de 9m de altura, dióica, ramos cilíndricos, levemente estriados, lenticelas ausentes, gemas áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo cilíndrico, estriado, 0,8 – 1,3 cm compr., glabrescente, lâminas cartáceas, lanceoladas a longo-lanceoladas, 3,5 – 13,0 x 1,5 – 4,4 cm, base e ápice agudos, margem revoluta na base, faces adaxial e abaxial glabras, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária inconspícua a impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência terminal, paniculada, glabrescente a tomentosa. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto globoso, ca. 1.5cm compr., sobre cúpula pateliforme, margem dupla, tépalas decíduas, persistentes quando imaturo.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Tocantins, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Bolívia, Argentina e Paraguai. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa submontana, montana e Restinga.

**Material examinado selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Cabo Frio, Parque do Mico Leão Dourado, 28.V.2003, *D. Fernandes et al.* 713 (RB); Saquarema, Jacarepiá, 23.VII.1993, *C. Farney et al.* 3296 (RUSU).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, Horto Florestal, 8.IX.1969, *D. Sucre* 6226 (RB).

**Comentários:** *Ocotea lancifolia* caracteriza-se pelo reticulado das lâminas foliares e, principalmente, pela cúpula verrucosa e dupla do fruto. Ocorre em Macaé, Saquarema, Cabo Frio e Mangaratiba, em mata seca, mata periodicamente inundada e arbustiva aberta do cordão interno. Coletada com flores em janeiro e frutos em março, maio a agosto.

**22. *Ocotea squarrosa*** (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:255. 1889.

(Figs. 5 A1, A2)

Arvoreta de 1 a 5m de altura, monóica, ramos cilíndricos, tricomas alvo-tomentosos, com lenticelas, gemas áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo plano, pouco torcido, 1,0 – 1,5 cm compr., tomentoso, lâminas cartáceas, lanceolado-ovadas, 2,0 – 5,2 x 1,4 – 9,0 cm, base obtusa, margem sub-revoluta, ápice agudo, face adaxial glabra, face abaxial subglabra, sem papilas; padrão de nervação broquidódromo, nervura primária inconspícua na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência terminal ou axilar, paniculada, alvo-tomentosa. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos em pares superpostos. Fruto elipsóide, sobre cúpula hemiesférica, lisa, margem simples, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, no estado do Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa submontana e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Arraial do Cabo, APA da Massambaba, 27.VIII.1993, *J.Fontella et al.* 3180 (RB); Cabo Frio, X.1881, *Glaziou et al.* s.n. (R74217); Cabo Frio, 08.V.1986, *D. Araújo* 7414 (GUA).

**Comentários:** *Ocotea squarrosa* distingue-se das demais do gênero pela coloração e intensidade da pilosidade dos ramos, flores e gemas apicais. Os frutos são negros com pedicelo vermelho. Pode

ser encontrada em áreas de restinga de Cabo Frio e Arraial do Cabo nas formações arbustivas fechadas e de campo de dunas. Coletada com flores em setembro, outubro, e frutos em março e maio.

O binômio *Ocotea squarrosa* foi denominado por Rohwer (1986) como um sinônimo para *Nectandra squarrosa*. O autor coloca que o tipo desta espécie é uma combinação de materiais diferentes e insere a mesma no gênero *Nectandra*, no Grupo *N. coriacea*, devido a morfologia das flores possuírem semelhança às das espécies deste grupo. Rohwer (1993b), na revisão das espécies do gênero *Nectandra*, exclui a espécie em questão, afirmando pertencer ao gênero *Ocotea*. O posicionamento controverso nos gêneros *Ocotea* e *Nectandra*, reflete a posição intermediária que *Ocotea squarrosa* ocupa entre os dois gêneros. A presença de papiliosidade na face ventral das tépalas e das anteras, com filetes pouco evidentes são características atribuídas ao gênero *Nectandra*, porém, muitas das espécies monoclinas de *Ocotea* apresentam estas mesmas características. Quinet (2005) no tratamento taxonômico das espécies de *Ocotea* da região sudeste, manteve a espécie em questão por apresentar os caracteres florais como a disposição dos locelos superpostos de acordo com a descrição do gênero *Ocotea*.

Optou-se no presente estudo por conservar o nome *Ocotea squarrosa* como proposto por Rohwer (1993b) e, posteriormente, por Quinet (2005), e também, uma vez que a mesma é conhecida nas listagens florísticas de restinga e utilizada em outras fontes como a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013) como o nome válido, sendo *N. squarrosa* o basônimo.

### 23. *Persea aurata* Miq., Linnaea 22:805.1849.

(Figs. 5 B1-B5)

Árvore 4-10m de altura, monóica, ramos angulosos, alvo-tomentosos, lenticelas ausentes, gemas áureo-tomentosas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, 3,0 – 3,5 cm compr., tomentoso, lâminas subcoriáceas, lanceoladas, 3,0 – 14,5 x 1,5 – 6,0 cm, base cuneada, simétrica, margem espessa, ápice agudo, face adaxial glabra, face abaxial alvo-tomentosa, sem papilas; padrão de nervação camptódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar, paniculada, áureo-tomentosa. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares. Frutos globosos, sobre cúpula pateliforme, lisa, tépalas persistentes.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Tocantins, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, montana, Campo rupestre e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Carapebus, Fazenda São Lázaro, 19.X.1995, *I. Silva et al.* 292 (R); Macaé, Jurubatiba, 04.VII.2001, *V.C.L. Martins et al.* 730 (R); Quissamã, 28.VIII.1994, *D. Araújo* 10155 (GUA).

**Comentários:** *Persea aurata* é caracterizada pela presença de tricomas de aspecto prateado, nos ramos, flores e na face abaxial das lâminas foliares. Ocorre na restinga de Carapebus, Quissamã e Jurubatiba na região de Macaé em mata periodicamente inundada e arbustiva fechada. Coletada com flores de julho a outubro e frutos em outubro.

### 24. *Persea willdenovii* Kosterm., Reinwardtia 7: 511. 1969.

(Figs. 5 C1-C3)

Árvore com cerca de 12m, monóica, ramos angulosos, glabros, lenticelas ausentes, gemas áureo-seríceas. Folhas alternas, pecíolo anguloso, 1,5 – 2,5cm compr., tomentoso, lâminas cartáceas, oblongas, 6,0 – 11,5 x 2,5 – 5,5 cm, ápice agudo a arredondado, margem espessa, base cordada, assimétrica, face adaxial e abaxial tomentosa a glabra, sem papilas; padrão de nervação camptódromo-broquidódromo, nervura primária impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias ausentes. Inflorescência axilar, ferrugíneo-tomentosa. Flores monoclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares. Fruto globoso, sobre cúpula pateliforme, lisa, tépalas persistentes.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa aluvial, submontana e montana, Cerrado, Floresta Estacional Semidecidual e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Macaé, Loteamento Lagomar, 29.XI.1994, *C. Farney et al.* 3432 (RB).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Nova Friburgo, Macaé de Cima,

29.VIII.1990, *S.V.A. Pessoa 479* (RB); Terezópolis, Serra dos órgãos, 20.IV.1949, *A. Barbosa 99* (RB).

**Comentários:** *Persea willdenovii* caracteriza-se pelo formato da base foliar e presença de galhas globosas nas lâminas foliares. Registrada até o momento somente em Macaé em mata periodicamente inundada. Coletada com flores em novembro.

**25. *Rhodostemonodaphne macrocalyx*** (Meisn.) Rohwer ex Madriñán, Fl. Neotr. 92: 46. 2004.

(Figs. 5 D1, D2)

Árvore com cerca de 15m de altura, dióica, ramos cilíndricos a angulosos, estriados, ferrugíneo-tomentosos, lenticelas ausentes, gemas seríceas. Folhas alternas, pecíolo canaliculado, 1,0 – 2,0 cm compr., áureo-tomentoso ou áureo-pubescente, lâminas coriáceas, lanceoladas, 7,0 – 15,0 x 2,5 – 5,5 cm, base cuneada, margem sub-revoluta, ápice agudo, face adaxial áureo-tomentosa principalmente ao longo da nervura principal, face abaxial tomentosa, sem papilas; padrão de nervação eucamptódromo, nervura principal impressa na face adaxial, não avermelhada, proeminente na face abaxial, reticulado denso, domácias em tufos de tricomas nas axilas das nervuras secundárias. Inflorescência axilar, tirsóide, ferrugíneo-tomentosa. Flores diclinas, androceu com 9 estames férteis, anteras tetralocelares, locelos dispostos no mesmo nível ou em arco. Fruto elipsóide, envolvido por cúpula hemiesférica, lisa, tépalas decíduas.

**Distribuição geográfica e habitat:** no Brasil, nos estados do Piauí, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Ocorre na Floresta Ombrófila Densa sub-montana, montana e Restinga.

**Material examinado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Carapebus, próximo a lagoa de Cabiúnas, 17.VI.2005, *B.C. Kurtz & J.C. Gomes s/nº*. (RB 419141).

**Material adicional selecionado:** BRASIL, RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, Mesa do Imperador, 16.IV.1958, *E. Pereira 3658* (RB); Nova Friburgo, Macaé de Cima, 7.X.1971, *D. Sucre 7781* (RB).

**Comentários:** As nervuras de *Rhodostemonodaphne macrocalyx* são bem marcadas na face abaxial da lâmina foliar, os frutos são grandes, roxos e cúpula avermelhada. Foi coletada com frutos em junho em Carapebus, em mata periodicamente inundada.

Este estudo permitiu ampliar o elenco da família para as restingas do Estado incluindo quatro gêneros (*Aiouea*, *Endlicheria*, *Licaria* e *Rhodostemonodaphne*) e dez espécies (*Aiouea saligna*, *Endlicheria paniculata*, *Licaria armeniaca*, *Nectandra membranacea*, *Nectandra puberula*, *Ocotea argentea*, *Ocotea diospyrifolia*, *Ocotea lobbii*, *Persea willdenovii* e *Rhodostemonodaphne macrocalyx*) ainda não citadas nas listagens anteriores. Devido a grande área de abrangência do tema tratado, e ainda que tenha ocorrido um esforço de coleta, o número provavelmente não representa o total de espécies na área. Acredita-se que com a continuidade deste trabalho se possa chegar ao conhecimento de mais táxons para a família.

O gênero *Ocotea* apresenta o maior número de espécies (13) corroborando com os estudos de Vattimo-Gil (1959) e Quinet & Andreatta (2002) que indicam ser a Floresta Atlântica do Sul-Sudeste um dos centros de diversidade do gênero. Entre as espécies de Lauraceae analisadas neste trabalho não ocorre nenhuma restrita ao Estado do Rio de Janeiro, ou mesmo, à restinga.

As espécies *Ocotea lucida* e *O. bicolor*, citadas por Araujo & Henriques (1984) como ocorrentes nas restingas do Rio de Janeiro, foram sinonimizadas por Rohwer (1986) como *O. brachybotrya* e *O. corymbosa*, respectivamente. No presente trabalho não foram encontrados exemplares referentes a tais espécies para as restingas, o que levanta a questão sobre sua real ocorrência neste ambiente no Estado do Rio de Janeiro. Provavelmente pode se tratar de problema relacionado à identificação destes táxons na época e, de fato, os mesmos ocorrerem apenas em outras formações vegetais.

Outros binômios indicados em Araujo & Henriques (1984) como *Ocotea teleiandra* e *O. daphnifolia* constavam de um engano na identificação, sendo tais exemplares identificados como *Ocotea notata* e *O. diospyrifolia*, respectivamente. Outra espécie citada nesse mesmo trabalho refere-se a *Ocotea tristis* que até o momento não tem distribuição nas restingas do Rio de Janeiro podendo ser, provavelmente, *O. pulchella*.

A importância econômica das Lauráceas, a inexistência de programas efetivos de manejo florestal e a constante perda da vegetação de restinga são alguns dos fatores que colocam sob perigo de extinção a maior parte das suas espécies. Ressalta-se neste trabalho a importância da preservação deste habitat como medida urgente para a preservação de suas espécies.

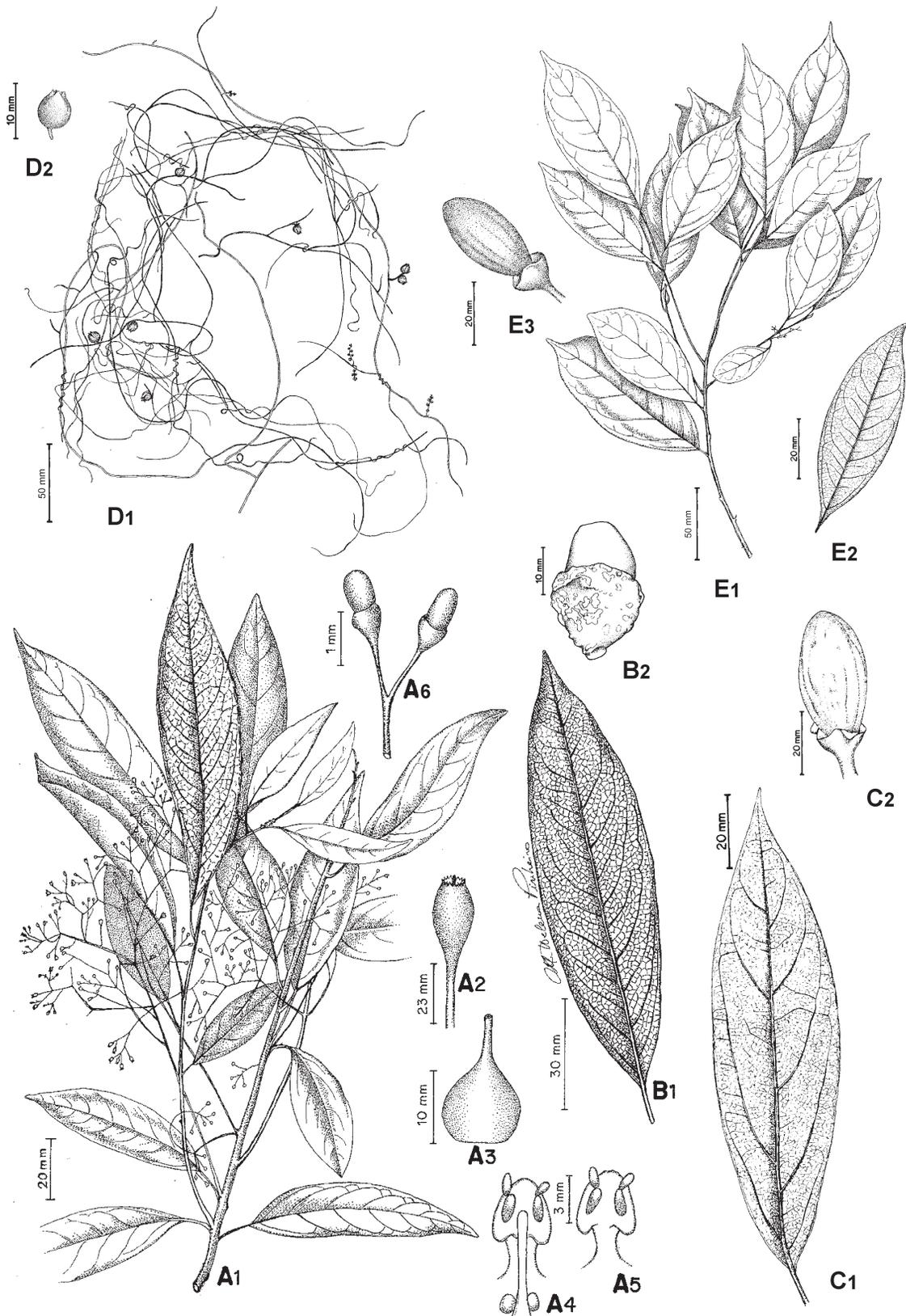
## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, pela bolsa de Mestrado da primeira autora e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Desenvolvimento pela bolsa de produtividade em pesquisa de Regina H. P. Andreata; ao Museu Nacional, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Universidade Santa Úrsula pelas instalações e, aos seus funcionários, pelo apoio, sugestões e incentivo.

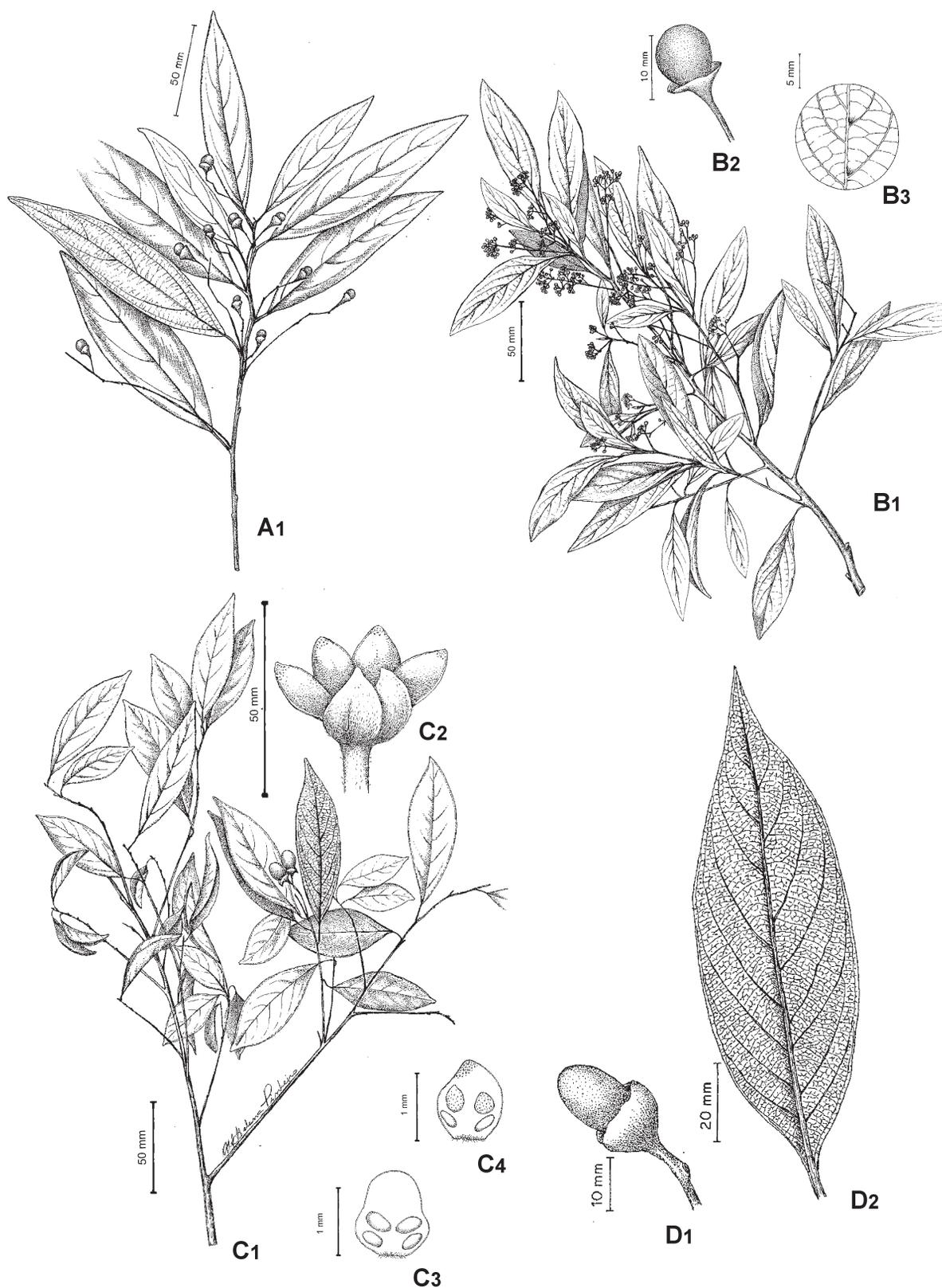
## REFERÊNCIAS

- Accardo-Filho, M.A.P. & Senna-Valle, L. 2010. Flórua do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Rio de Janeiro, Brasil: Theaceae. Arquivos do Museu Nacional 68 (3-4): 269-272.
- Alves, F. M. & Sartori, A.L.B. 2009. *Nectandra* Rol. ex. Rottb. (Lauraceae) no Mato Grosso do Sul, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 23: 118-129.
- Araújo, D.S.D. 2000. Análise florística e fitogeográfica das restingas do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Araújo, D.S.D. & Henriques, R.P.B. 1984. Análise florística das restingas do Estado do Rio de Janeiro. In: Restingas: Origem, Estrutura e Processos. (L.D. Lacerda *et al.* orgs.). Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói, p.159-193.
- Assumpção, J. & Nascimento, M.T. 2000. Estrutura e composição florística de quatro formações vegetais de restinga. Acta Botanica Brasilica 14(3): 301-315.
- Baitello, J.B., Hernandez, F.L., Moraes, P.L.R., Esteves, R. & Marcovino, J.R. 2003. Lauraceae. In: Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo 3 (Maria das Graças Lapa Wanderley; George John Shepherd; Therezinha Sant'Ana Melhem; Ana Maria Giulietti; Mizué Kirizawa, orgs.). RiMa/Fundação de Amparo a Pesquisa, São Paulo, p. 149-223.
- Cante, T. 1988. O móvel do século XIX no Brasil. Cândido Guinle de Paula Machado, Rio de Janeiro, 190p.
- Dansereu, P. 1947. Zonation et succession sur la restinga de Rio de Janeiro. I. Halosere. Revue Canadienne de Biologie 6: 448-477.
- Freitas, M. F. 1990/92. Cactáceas da APA de Massambaba, Rio de Janeiro, Brasil. Rodriguésia 42/44: 67-91.
- Guedes-Bruni, R.R. 1998. Composição, estrutura e similaridade florística de dossel em seis unidades de Mata Atlântica do Rio de Janeiro. Tese 206f., Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guedes-Bruni, R.R., Pessoa, S.V.A. & Kurtz, B.C. 1997. Florística e estrutura do componente arbustivo-arbóreo de um trecho de preservado de floresta montana na Reserva Ecológica de Macaé de Cima. In: Serra de Macaé de Cima: Diversidade Florística e Conservação em Mata Atlântica (H.C. de Lima & R.R. Guedes-Bruni eds.). Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: p.127-145.
- Hueck, K. 1955. Plantas e formações organogênicas das dunas do litoral Paulista I: Contribuição para a pesquisa fitossociológica paulista. Secretaria de Agricultura, São Paulo.
- Konno, T.U.P., Fontella-Pereira, J. & Araújo, D.S.D. 2001. Asclepiadaceae Brasileenses, XII. Diversity and distribution of taxa from the sandy coastal-plain vegetation of Rio de Janeiro State, Brazil. Asklepios 82:11-18.
- Kropf, M.S., Quinet, A. & Andreata, R.H.P. 2006. Lista Anotada, Distribuição e Conservação das Espécies de Lauraceae das Restingas Fluminenses, Brasil. Pesquisas. Botânica, 57: 161-180.
- Kurtz, B.C. 2000. Composição florística e estrutura do estrato arbóreo de um trecho de Mata Atlântica situado na Estação Ecológica do Paraíso, Município de Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro. Rodriguésia 51(78/115): 69-112.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acessado em 16.03.2015.
- Lobão, A. & Araújo, D.S.D. & Kurtz, B.C. 2005. Annonaceae das restingas do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Rodriguésia 56 (87): 85-96.
- Longhi, S.J. et al. 2000. Aspectos fitossociológicos de fragmento de floresta estacional decidual, Santa Maria, RS. Ciência Florestal 10 (2): 59-74.
- Marques, C.A. 2001. Importância econômica da família Lauraceae Lindl. Floresta e Ambiente 8 (1):195- 206.
- Ormond, W.T. 1960. Ecologia das restingas do sudeste do Brasil. Comunidades vegetais das praias arenosas I. Rio de Janeiro. Arquivos do Museu Nacional 50:185-236.
- Palazzo, F. M. A. 2012. Sapotaceae das Restingas do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação 210f., Museu Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Quinet, A. & Andreata, H.R.P. 2002. Lauraceae Jussieu na Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. Rodriguésia 53 (82):59 – 121.
- Quinet, A. 2005. Sinopse taxonômica da família Lauraceae no Estado do Rio de Janeiro. Acta Botanica Brasilica 19 (3):563-572.

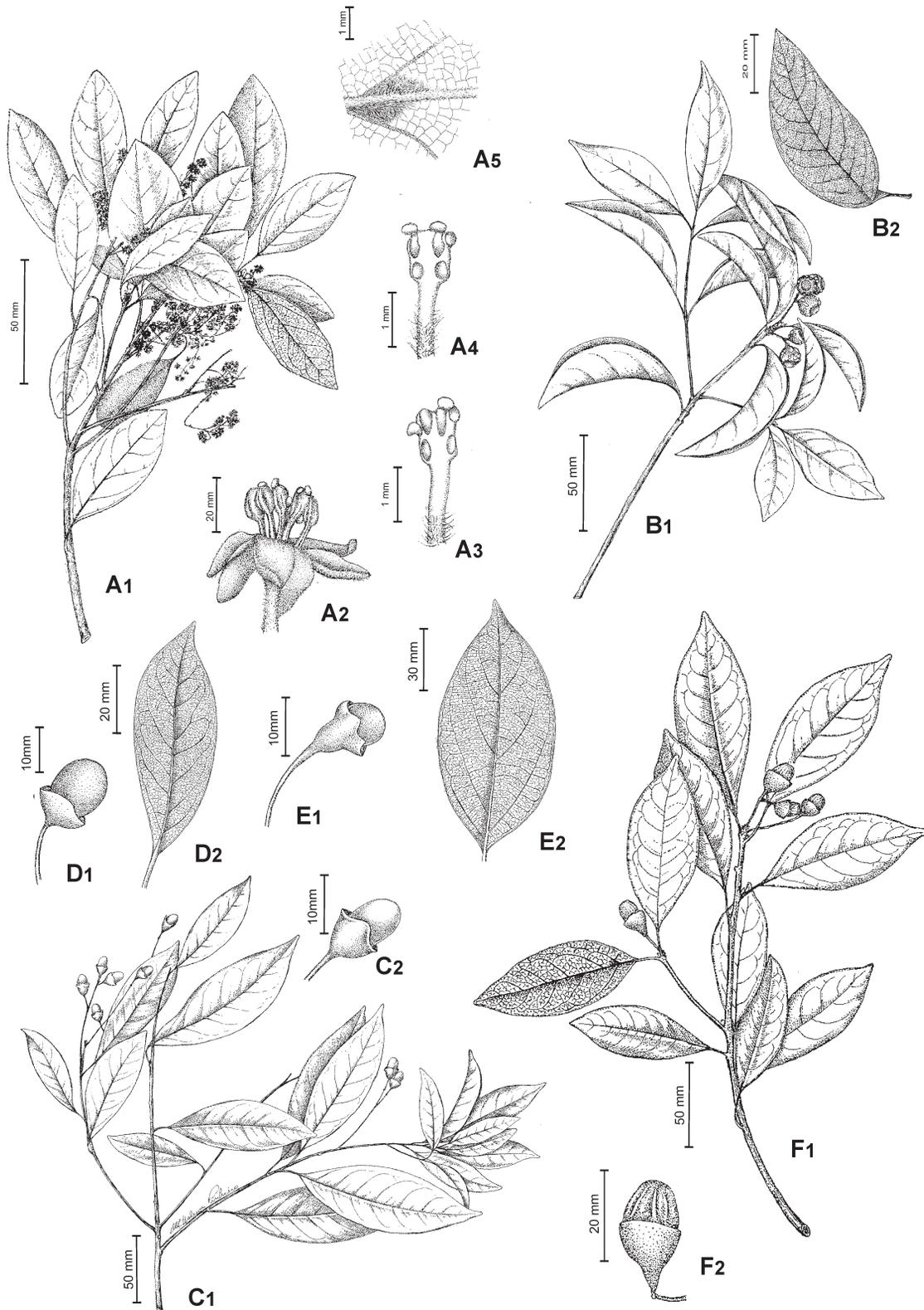
- Quinet, A., Baitello, J.B., Moraes, P.L.R. de, Alves, F.M. & Assis, L. 2012. *Lauraceae* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB143>>. Acessado em 10.06.2013.
- Reis, R.C.C. 2006. Palmeiras (Arecaceae) das Restingas do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20 (3): 501-512.
- Reitz, P.R. 1954. A vegetação de Laguna. *Sellowia* 6: 234 - 258.
- Restinga.net. 2013. Disponível em <<http://www.restinga.net>> Acessado em 22.05. 2012.
- Rodrigues, H.C. 1996. Composição florística e estrutura fitossociológica de um trecho de Mata Atlântica na Reserva Biológica do Tinguá, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Dissertação 77f., Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rohwer, J.G. 1986. Prodröm einer Monographie der Gattung *Ocotea* Aubl. (Lauraceae) sensu lato. *Mitteilungen aus dem Institut für Allgemeine Botanik, Hamburg*, 20: 1-278.
- Rohwer, J.G. 1993a. Lauraceae: *Nectandra*. *Flora Neotropica Monograph* 60:1-332.
- Rohwer, J.G. 1993b. Lauraceae. In: Kubitzki, K. & Rohwer, J.G. & Bittrich, V. (eds.). *The Families and Genera of Vascular Plants II. Flowering plants. Dicotyledons*. Berlin: Springer-Verlag, v.2. 366-391.
- Santos, S. O. & Alves, M. 2013. Sinopse taxonômica da família Lauraceae na porção norte da Floresta Atlântica brasileira. *Revista Brasileira de Biociências* 11(1): 14-28.
- Souza, M.C. 2008. Subtribos Eugeniinae O. Berg e Myrtinae O. Berg (Myrtaceae) na Restinga da Marambaia, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 22 (3): 652-683.
- Souza, M.C., Morim, M.P., Conde, M.M.S., Menezes, L.F.T. 2007. Subtribo Myrciinae O. Berg (Myrtaceae) na Restinga da Marambaia, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 21(1): 49-63.
- Ule, E. 1901. Die vegetation von Cabo Frio an der kuste von Brasilien. *Botanische Jahrbucher für Systematik* 28: 511-528.
- Vattimo-Gil, I. 1959. Flora da Cidade do Rio de Janeiro (Lauraceae). *Rodriguésia* 21/22 (33-34):157-176.
- Veloso, H.P., Rangel Filho, A.L. & Lima, J.C.A. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.



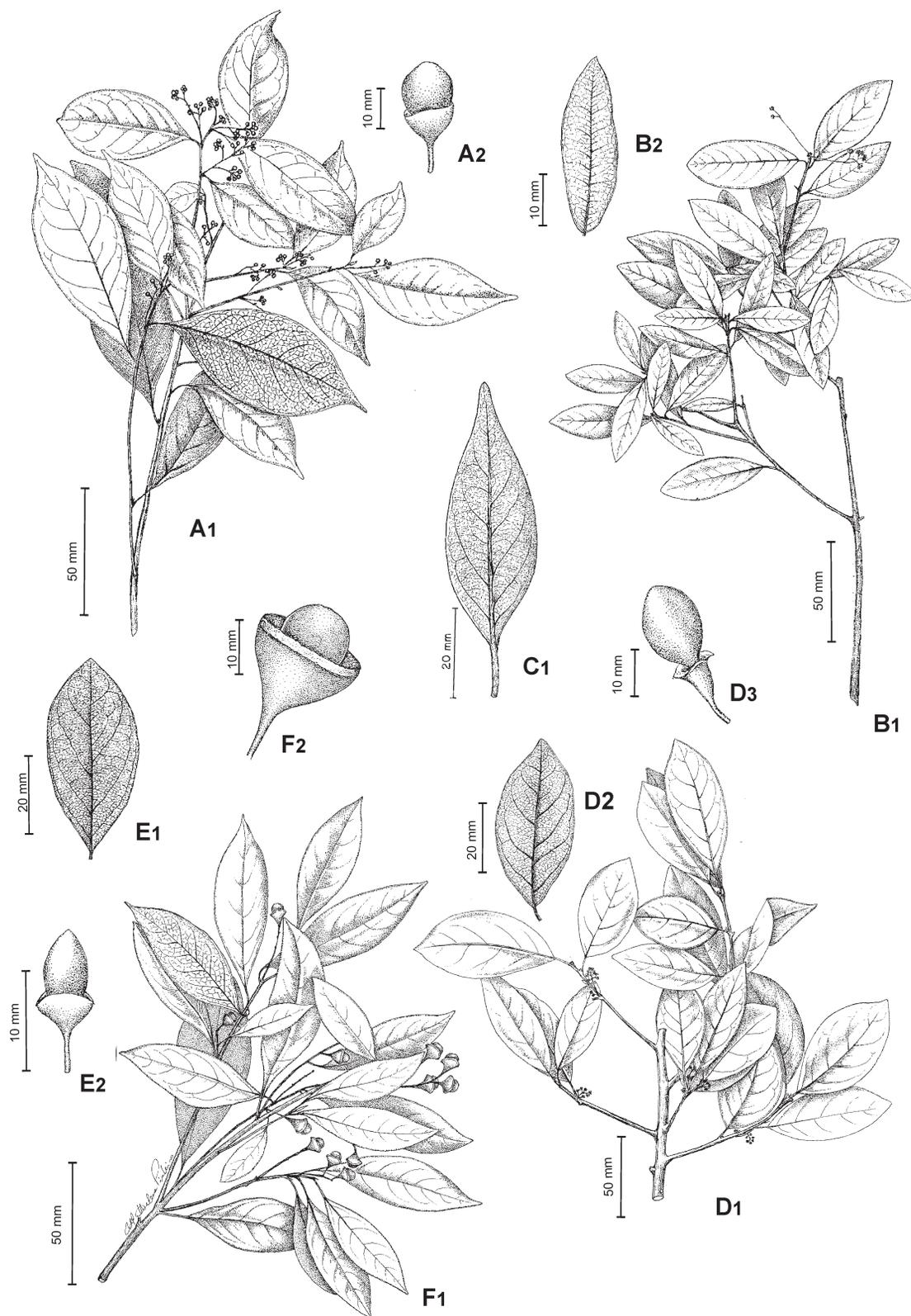
**Figs. 1 A-E.** A1-A6. *Aiouea saligna*. A1. Ramo florífero; A2. Flor; A3. Gineceu; A4. Estame da série 1ª série de frente a estaminódio da 3ª série; A5. Estame da 2ª série; A6. Fruto. B1, B2. *Aniba firmula*. B1. Folha; B2. Fruto. C1, C2. *Endlicheria paniculata*. C1. Folha; C2. Fruto. D1, D2. *Cassytha filiformis*. D1. Ramo florífero; D2. Flor. E1-E3. *Licaria armeniaca*. E1. Ramo florífero; E2. Folha; E3. Fruto. (A1-A7. C. Lima 4495; A8. C. Luchiani 376; B1, B2. T. Cristina s.n. (RB 202710); C1. B.C. Kurtz 80; C2. B.C. Kurtz 87; D1, D2. M.S. Kropf et al. 71; E1, E2. D. Duarte 888; E3. S.J. Silva-Neto 317 & W. Silva).



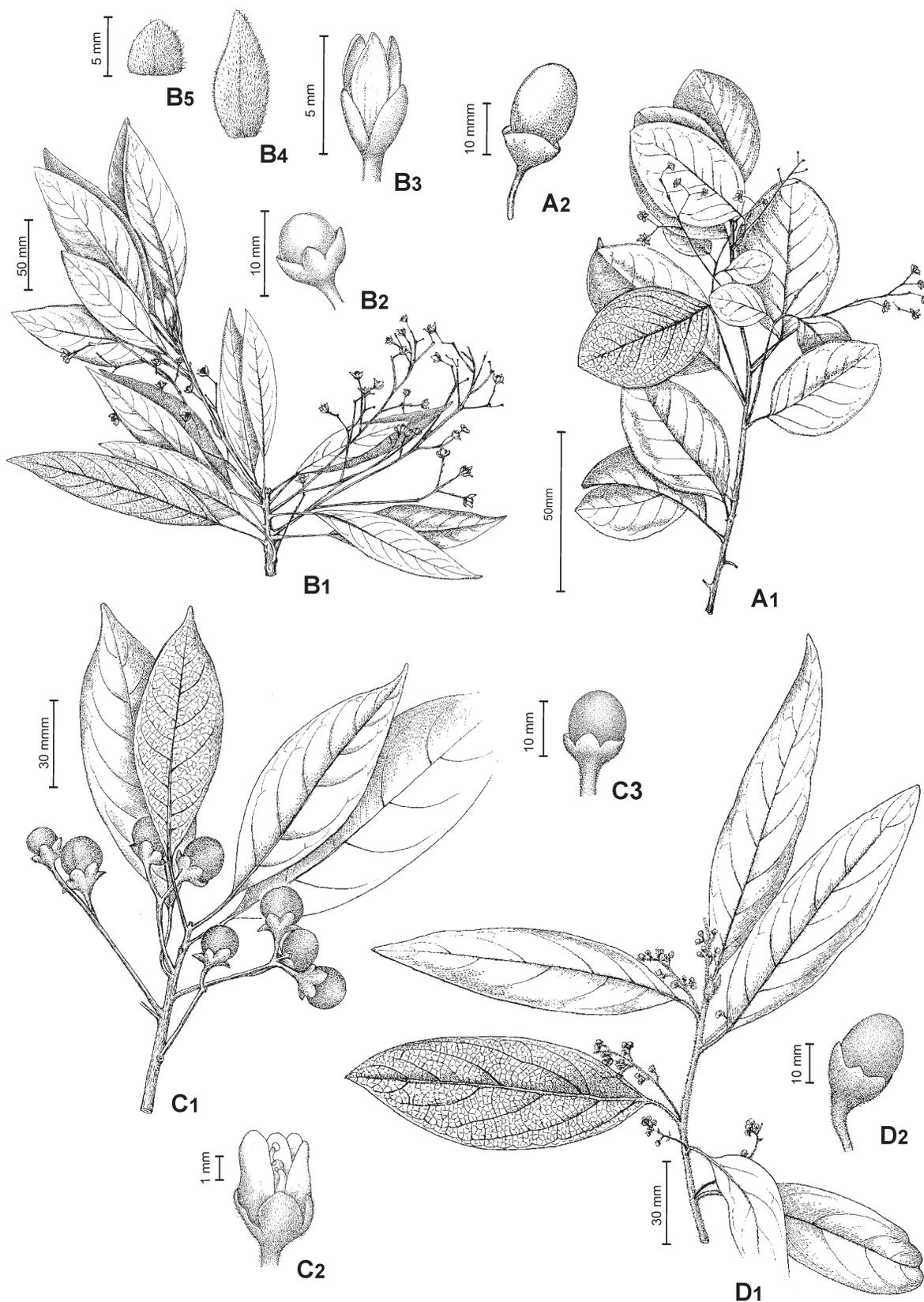
**Figs. 2 A-D.** **A1.** *Nectandra membranacea*. **A1.** Ramo frutífero. **B1-B3.** *Nectandra puberula*. **B1.** Ramo frutífero; **B2.** Fruto; **B3.** Domácia. **C1-C4.** *Nectandra psammophila*. **C1.** Ramo florífero; **C2.** Flor; **C3.** Estame da série I; **C4.** Estame da série II. **D1, D2.** *Nectandra oppositifolia*. **D1.** Fruto; **D2.** Folha. (A1. P. Carauta 393; B1. A. Quinet s.n. (RB 367357); B2. C. Farney et al. 3577; B3. A. Quinet s.n. (RB 367357); C1-C4. D. Araujo 10192; D1, D2. S.V.A. Pessoa 784).



**Figs. 3 A-D. A1-A5.** *Ocotea argentea*. **A1.** Ramo florífero; **A2.** Flor; **A3.** Estame da série I; **A4.** Estame da série II; **A5.** Domácia na axila da nervura. **B1, B2.** *Ocotea complicata*. **B1.** Ramo florífero; **B2.** Folha. **C1, C2.** *Ocotea confertiflora*. **C1.** Ramo frutífero; **C2.** Fruto. **D1, D2.** *Ocotea diospyrifolia*. **D1.** Fruto; **D2.** Folha. **E1, E2.** *Ocotea divaricata*. **E1.** Fruto; **E2.** Folha. **F1, F2.** *Ocotea elegans*. **F1.** Ramo florífero; **F2.** Fruto. (A1-A5. A.C. Brade 16087; B1, B2. D. Araujo 9982; C1, C2. D. Araujo 8928; D1. H. C. Lima 3557; D2. N. Kuhlmann 3222; E1. M. Nadruz 508; E2. A. Vaz 678; F1, F2. H. C. Lima 4818)



**Figs. 4 A-F.** A1, A2. *Ocotea glauca*. A1. Ramo florífero; A2. Fruto. B1, B2. *Ocotea lobbii*. B1. Ramo florífero; B2. Folha. C1. *Ocotea notata*. C1. Folha. D1-D3. *Ocotea polyantha*. D1. Ramo florífero; D2. Folha; D3. Fruto. E1, E2. *Ocotea pulchella*. E1. Folha; E2. Fruto. F1, F2. *Ocotea lancifolia*. F1. Ramo florífero; F2. Fruto. (A1. D. Sucre 8197; A2. L.F.T. Menezes 589A; B1, B2. B.C. Kurtz & J.C. Gomes 312; C1. G. Martinelli 11905; D1, D2. D. Araujo & M.C.A. Pereira 7003; D3. J.M.A. Braga & M.G. Bovini 419; E1. M.S. Kropf et al. s.n.; F1, F2. D. Sucre 6226).



**Figs. 5 A-D.** A1, A2. *Ocotea squarrosa*. A1. Ramo florífero; A2. Fruto. B1-B5. *Persea aurata*. B1. Ramo florífero; B2. Fruto; B3. Flor; B4. Tépala interna; B5. tépala externa. C1-C3. *Persea willdenovii*. C1. Ramo frutífero; C2. Flor; C3. Fruto. D1, D2. *Rhodostemonodaphne macrocalyx*. D1. Ramo florífero; D2. Fruto. (A1. J.Fontella et al. 3180; A2. D. Araujo 7414; B1-B5. D. Araujo 10155; C1. S.V.A. Pessoa 479; C2. A. Barbosa 99; C3. S.V.A. Pessoa 479; D1. E. Pereira 3658; D2. D. Sucre 7781).